



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 46 Setembro - Dezembro de 2024



## DIÓGENES LAÉRCIO, VI: A VIDA DE DIÓGENES, O CÃO, E A VIDA DE HIPÁRQUIA

Aldo Dinucci<sup>1</sup>

UFES

Cristóvão Santos Júnior<sup>2</sup>

UFS

### Diógenes Laércio, a vida de Diógenes, o Cão

Tradução do grego: Aldo Dinucci

Revisão técnica: Cristóvão Santos Júnior

(20) Diógenes era filho do banqueiro Hicésio de Sínope. Díocles<sup>3</sup> afirma que, estando seu pai na direção do banco público e tendo adulterado a moeda corrente, Diógenes fugiu. Eubúlides,<sup>4</sup> na obra *Sobre Diógenes*, diz que o próprio Diógenes fez isso e escapou com o pai. Entretanto, também Diógenes relata, sobre si mesmo, no *Pordálo*, ter adulterado a moeda. Alguns afirmam que, tendo Diógenes se tornado administrador do banco, foi persuadido pelos artesãos a adulterar a moeda e, indo a Delfos ou a Delos, na pátria de Apolo, indagou ao oráculo se deveria fazer isso. Apolo consentiu com a adulteração da moeda corrente da *pólis*, mas Diógenes não

---

<sup>1</sup> Aldo Dinucci é doutor em filosofia clássica pela PUC Rio, professor de Filosofia Antiga na Universidade Federal do Espírito Santo e coordenador do GT/ANPOF Epicteto e marginália filosófica. Publicou, entre outros trabalhos, traduções do grego para o português de *O Manual de Epicteto*, *As Diatribes de Epicteto Livro 1* e *As Meditações de Marco Aurélio*. É autor também do *Manual de estoicismo*. Seu blog de disseminação é o Viva Vox Estoicismo (<https://aldodinucci.blogspot.com>). O texto grego utilizado nesta tradução foi: Diogenes Laertius, *Diogenis Laertii vitae philosophorum*, 2 vols. Ed. Long, H.S. Oxford: Clarendon Press, 1964.

<sup>2</sup> Cristóvão Santos Júnior é doutorando em filosofia pela UFS.

<sup>3</sup> Díocles de Magnésia, doxógrafo que viveu entre o século I e II AEC.

<sup>4</sup> Talvez Eubúlides de Mileto, filósofo megárico que viveu no século IV AEC.

compreendeu o dito do deus, adulterou a moeda e, uma vez descoberto, como dizem alguns, foi condenado ao exílio, ou, como dizem outros, ele se foi (21) espontaneamente da *pólis* em fuga.<sup>5</sup> Porém, alguns dizem que Diógenes, tendo recebido do pai a moeda, a desfigurou, seu pai morreu na prisão, e Diógenes fugiu e se dirigiu a Delfos, onde buscou saber não se poderia adulterar a moeda, mas o que deveria fazer para se tornar célebre, recebendo esse oráculo.<sup>6</sup>

Tendo chegado a Atenas, aproximou-se de Antístenes.<sup>7</sup> Quando Diógenes foi por ele repellido (porque Antístenes não permitia a ninguém se aproximar de si<sup>8</sup>), venceu-o pela insistência. E, quando Antístenes estendeu-lhe o bastão, Diógenes exclamou, com cabeça erguida: “Bate, pois não encontrarás madeira dura o bastante com a qual me afastarás, na medida em que me parecer que estás dizendo algo que eu queira ouvir.” Foi discípulo dele a partir daí e, como era um exilado, lançou-se a uma vida simples.

(22) Segundo diz Teofrasto,<sup>9</sup> na sua obra *Megárico*, Diógenes descobriu o caminho de vida através da vicissitude ao contemplar um camundongo correndo de um lado ao outro, não buscando leito, nem temendo a escuridão ou desejando alguma das coisas consideradas apetecíveis.

Foi o primeiro a dobrar o manto, segundo alguns, em razão de ter também necessidade de dormir sobre ele. Levava igualmente um alforje, no qual guardava o seu pão, e usava seu manto em todo lugar para todas as coisas, tanto para tomar o desjejum quanto para dormir e conversar.<sup>10</sup> E dizia aos atenienses, indicando-lhes o Pórtico de Zeus<sup>11</sup> e o Pompeion,<sup>12</sup> (23) terem eles lhe provido lugares para morar.

Tendo se tornado fraco,<sup>13</sup> passou a apoiar-se em um cajado. A partir daí, portou habitualmente o cajado e o alforje por toda parte, não somente na cidade, mas também

---

<sup>5</sup> Quer dizer, o conselho de Apolo era para ele adulterar simbolicamente a moeda corrente da *pólis* no sentido de criticar os valores sob os quais os humanos viviam, mas que Diógenes entendeu literalmente o oráculo recebido e desfigurou criminosamente moedas legitimamente cunhadas pelo banco da *pólis*.

<sup>6</sup> Qual seja, falsificar a moeda corrente.

<sup>7</sup> Antístenes de Atenas foi amigo e discípulo de Sócrates.

<sup>8</sup> Como discípulo.

<sup>9</sup> Teofrasto foi discípulo de Aristóteles e seu sucessor na condução do Liceu Peripatético, em Atenas. Viveu entre 372 e 287 ACE.

<sup>10</sup> Esse manto de Diógenes acabou por se tornar o uniforme dos filósofos cínicos, sendo usados para dormir e para vestir do dia a dia.

<sup>11</sup> Templo ateniense.

<sup>12</sup> Edifício em mármore no interior das muralhas de Atenas. Era um complexo desportivo de onde saía, anualmente, a Procissão Panatenaica durante as festividades religiosas e cívicas que ocorriam na segunda quinzena do mês hecatombéon - primeiro mês do ano ático, equivalente ao nosso mês de julho.

<sup>13</sup> Na velhice.

nas estradas, segundo nos dizem Atenodoro, magistrado dos atenienses, Poliueuctos, o orador, e Lisânias, filho de Éscrio.<sup>14</sup>

Quando Diógenes enviou a alguém uma carta para que lhe desse uma pequena casa, e tendo este tardado em lhe atender ao pedido, tomou como casa um tonel no templo de Cibele, como o próprio Diógenes deixa claro em suas *Cartas*.

No verão, rolava sobre a areia fervente. No inverno, abraçava estátuas cobertas de neve, exercitando-se de todas as maneiras.

(24) Era terrível (*deinós*) ao ridicularizar os demais. Chamava a escola (*scholé*) de Euclides<sup>15</sup> de “fel” (*cholê*), a aula (*diatribé*) de Platão de “perda de tempo” (*katatribé*), as festas dionisiacas, de “maravilhas para estúpidos,” e os demagogos, de “lacaio da multidão”.

Dizia também que, quando via em ação pilotos, médicos e filósofos, considerava o humano o mais inteligente entre os viventes. Quando, em seguida, via intérpretes de sonhos, adivinhos e os que se fiam neles, ou os que se enchem de orgulho em razão da fama e da riqueza, considerava não haver nada mais desprezível que o humano.

(25) Certa vez, observando Platão tocar em azeitonas em uma ceia suntuosa, disse: “Por que, ó sábio, tendo navegado para a Sicília por amor a estas mesas, agora, quando estão à mão, não as usufruis?” Ao que Platão respondeu: “Juro pelos deuses, Diógenes, que lá mesmo frequentemente eu ceava azeitonas e coisas tais.” E Diógenes retrucou: “Por que, então, foi preciso navegar para Siracusa? Ou neste tempo a planície Ática<sup>16</sup> não produzia azeitonas?” Favorino,<sup>17</sup> em sua *Miscelânea Histórica*, diz que foi Aristipo<sup>18</sup> quem disse isso.

Em outro momento, quando comia figos secos, Diógenes encontrou-se com Platão e falou: “Podes pegar alguns dos figos.” Quando Platão tomou-os e comeu-os, Diógenes exclamou: “Eu falei para tomares alguns dos figos, não para comê-los todos.”

(26) Uma vez, quando Platão convidou para a sua casa amigos da parte de Dionísio,<sup>19</sup> Diógenes, pisando nos tapetes de Platão, disse: “Piso na vaidade de Platão.” Ao que Platão respondeu: “Diógenes, mais vaidade deixas transparecer julgando não

<sup>14</sup> Temos assim o aparato cínico: o manto dobrado, o alforje e o cajado.

<sup>15</sup> Euclides de Mégara foi discípulo de Sócrates e fundador da Escola Megárica. Viveu entre 435 e 365 AEC.

<sup>16</sup> Região na qual se encontra Atenas.

<sup>17</sup> Favorino de Arelate foi um filósofo romano que viveu entre c. 80 e c. 160.

<sup>18</sup> Aristipo de Cirene foi discípulo de Sócrates e fundador da Escola Cirenaica. Viveu entre c. 435 e c. 356 AEC.

<sup>19</sup> Dionísio de Siracusa, tirano ao qual Platão se vinculou durante certo período. Viveu entre ca. 430 e 367 AEC, governando Siracusa por oito anos até a sua morte

estar cheio de vaidade.” Outros afirmam que Diógenes teria falado: “Piso na vaidade de Platão”, e Platão teria dito: “Com outra vaidade, Diógenes.” Sótion,<sup>20</sup> no seu quarto livro, diz que o próprio Cão<sup>21</sup> teria falado isso a Platão.

Uma vez, Diógenes pediu vinho a Platão e, depois, também figos secos. Platão enviou-lhe um vaso inteiro, e Diógenes lhe disse: “Se tu fosses indagado quanto são dois mais dois, tu responderias vinte? Assim, nem dás as coisas que te foram pedidas nem respondes às coisas que te foram indagadas.”

Zombava também de Platão por este ser um infatigável tagarela.<sup>22</sup>

(27) Sendo indagado onde, na Grécia, poder-se-ia ver bons homens, Diógenes falou: “bons homens, em parte alguma, mas bons garotos, entre os lacedemônios.”<sup>23</sup>

Uma vez, como ninguém se aproximava dele enquanto discursava seriamente, passou a assoviar. Quando, então, um grande número de pessoas se reuniu ao seu redor, repreendeu-os por se acercarem com rapidez por coisas tolas, enquanto negligenciavam as coisas importantes.

Dizia que os homens lutavam para cavar trincheiras e dar pontapés,<sup>24</sup> mas que ninguém lutava pela hombridade moral. Admirava-se também dos gramáticos, que, por um lado, investigavam os males de Odisseu e, por outro, ignoravam os seus próprios males. E, do mesmo modo, causavam-lhe admiração os músicos, que, por um lado, (28) harmonizavam as cordas da lira, mas que, por outro, possuíam as próprias disposições da alma em desarmonia. Espantava-se igualmente com os matemáticos, que, por um lado, mantinham os olhos fixos sobre o sol e a lua, mas que, por outro, negligenciavam as coisas sob os seus pés. Da mesma forma, admirava-se dos oradores, que, por um lado, diziam ter tratado das coisas justas, mas que, por outro, não as realizavam de modo algum. E se pasmava, igualmente, com os avaros, que, por um lado, condenavam o dinheiro, mas que, por outro, o amavam excessivamente. Reprendia também os que louvavam os justos, por estarem acima das riquezas, mas que invejavam os muito abastados. Causavam-lhe ainda inquietação os sacrifícios aos deuses em que se pedia por saúde, enquanto, durante os mesmos sacrifícios, ceava-se de forma insalubre. Admirava-se semelhantemente dos servos que, vendo seus senhores comendo vorazmente, nada roubavam dos alimentos servidos.

<sup>20</sup> Sótion de Alexandria foi um doxógrafo que floresceu entre c. 200 e 170 AEC.

<sup>21</sup> i.e., o próprio Diógenes.

<sup>22</sup> O termo grego é *aperantologos*, alguém que fala infinitamente.

<sup>23</sup> I.e. Espartanos.

<sup>24</sup> Aparentemente, cavar trincheiras fazia parte dos treinamentos dos atletas. Ver Epicteto, *Diatribes*, 3.15.4.

(29) Aprovava os que, estando a ponto de casar, não casavam; os que, estando a ponto de navegar, não navegavam; os que, estando a ponto de ascender a cargos administrativos, não os assumiam; os que, estando a ponto de ter filhos, não os tinham; e os que, podendo viver entre os poderosos, não se aproximavam deles.

Dizia também ser preciso estender as mãos aos amigos sem dobrar os dedos.<sup>25</sup>

Diz Menipo,<sup>26</sup> na obra *A Venda de Diógenes*, que, quando este foi capturado e posto à venda, o arauto lhe indagou o que ele era capaz de fazer, ao que Diógenes respondeu: “Governar homens.” E acrescentou ao arauto: “Anuncia se alguém deseja comprar um mestre para si.” Tendo sido impedido de sentar-se, disse: “Não faz diferença, afinal os peixes são vendidos em qualquer posição em que sejam dispostos.”

(30) Afirmou também admirar-se porque, se compramos um vaso ou pratos, os testamos antes, mas, para comprar um homem, unicamente a visão dele nos basta.

Falava a Xeníades, que o comprou, que lhe era preciso confiar-se a ele mesmo que fosse um servo. Com efeito, se o servo fosse médico ou piloto, ter-se-ia confiado a ele. Eubulo,<sup>27</sup> na supracitada obra *A Venda de Diógenes*, nos diz que este, depois de outros ensinamentos, treinava os filhos de Xeníades a andar a cavalo, lançar flexas, atirar com a funda,<sup>28</sup> lançar dardos. Em seguida, no local em que se realizavam os exercícios de luta, não os confiava ao professor de ginástica com a intenção de treiná-los para se tornarem atletas, mas tão somente para ficarem corados e terem boa constituição.

(31) Os filhos de Xeníades decoravam muitos dos livros dos poetas, dos historiadores e do próprio Diógenes, e ele os exercitava com todos os artifícios esquemáticos que pudessem lhes facilitar a memorização.

Em casa, também os ensinava a servir a si mesmos, comer alimentos simples e beber água. Exercitava-os mantendo-os com o cabelo cortado rente, sem adornos e andando nas ruas só com um manto, de pés descalços, em silêncio, e observando apenas a si mesmos. Levava-os também à caça com os cães. Os jovens cuidavam igualmente de Diógenes e pediam por ele aos pais. O mesmo Eubulo diz ter Diógenes envelhecido na casa de Xeníades e ter sido sepultado pelos filhos deste ao falecer.

---

<sup>25</sup> Quer dizer, oferecendo hipocritamente ajuda, mas sendo, de fato, “mão de vaca.”

<sup>26</sup> Menipo de Gadara foi um escritor cínico que viveu na primeira metade do século III AEC.

<sup>27</sup> Aqui, um personagem na obra de Menipo citada acima.

<sup>28</sup> Arma que consiste em uma correia dobrada, no centro da qual se coloca um objeto a ser lançado. Os soldados especializados nessa arma eram chamados fundibulários.

Quando Xeníades indagou a Diógenes como queria ser sepultado, (32) Diógenes respondeu: “Sobre a minha face.” Quando Xeníades perguntou a razão para tal, Diógenes disse: “Porque, depois de pouco tempo, o de cima tornar-se-á o de baixo.” Por isso os macedônios imperaram, pois, a partir de uma origem humilde, tornaram-se excelsos.

Quando alguém levou Diógenes a uma casa cheia de objetos caros, proibindo-o de cuspir quando havia juntado saliva, Diógenes cuspiu nos olhos dele, dizendo não ter encontrado naquela casa lugar mais vil. Outros dizem que Aristipo teria dito feito isso.

Certa vez, falando “Ó homens,” quando homens se reuniram ao seu redor, tocou-os com o cajado, dizendo: “Chamei homens, não a escória,” como diz Hecato,<sup>29</sup> no primeiro Livro de suas *Anedotas*.

Dizem também que Alexandre, o Grande, teria falado que, se não fosse Alexandre, desejaria ter sido Diógenes.

(33) “Mutilados” chamava não os mudos e os cegos, mas os que não tinham um alforje. Segundo diz Metrocles,<sup>30</sup> nas suas *Anedotas*, certa vez, quando Diógenes se fez presente com os cabelos tosados em um banquete de jovens, levou deles uma surra. Depois disso, escreveu os nomes dos que o surraram em um quadro branco, e andou de lá para cá com o quadro pendurado no pescoço, até os cobrir de insultos. Os jovens foram posteriormente condenados e censurados.

Dizia ser um cão dentre os que são elogiados pelos homens, mas que ninguém, dentre os que o elogiavam, atrever-se-ia a lançar-se com ele à caça.

Ao que falava “Venci homens nos Jogos Píticos,”<sup>31</sup> Diógenes disse: “Eu venci homens, mas tu, prisioneiros.”

(34) Aos que diziam: “És velho e jogas fora o que te resta de vida,” Diógenes respondia: “Se eu estivesse correndo no estádio, ao fim da corrida me seria preciso acelerar os passos e esforçar-me ainda mais.”

Tendo sido convidado para jantar em casa de certo homem, disse que não se faria presente, pois, na última vez que fora, não percebera gratidão da parte dele.

Pisava a neve com os pés descalços e fazia as outras quantas coisas ditas acima.

Também se pôs a comer carne crua, mas não conseguiu mastigá-la.

---

<sup>29</sup> Hecato de Rodes foi discípulo de Panécio de Rodes e filósofo estoico. Floresceu por volta 100 AEC.

<sup>30</sup> Metrocles de Maroneia foi um filósofo cínico. Floresceu por volta de 325 AEC.

<sup>31</sup> Jogos pan-helênicos que ocorriam da Grécia a cada quatro anos em Delfos

Encontrou, certa vez, Demóstenes,<sup>32</sup> o orador, jantando em uma taberna. Quando Demóstenes se retirou, Diógenes disse: “A taberna te cai muito bem.”<sup>33</sup> Uma vez, quando estrangeiros desejaram ver Demóstenes, Diógenes disse, apontando-lhe o dedo médio: “Ali vai o demagogo de Atenas!”

(35) Quando alguém deixou cair um pedaço de pão e teve vergonha de pegá-lo do chão, Diógenes, desejando repreendê-lo, prendeu o pescoço de um vaso de vidro e o arrastou através do Cerâmico.<sup>34</sup>

Dizia imitar os diretores do coro, pois estes dão um tom acima para que os demais entoem o tom apropriado.

Afirmava que muitos estavam a um dedo da loucura. Com efeito, se alguém caminhar estendendo o dedo médio, parecerá louco, mas não se caminhar estendendo o indicador. Falava que as coisas dignas de alto preço eram vendidas por nada e vice-versa. Com efeito, estátuas são vendidas por três mil dracmas, mas um litro de cevada, por duas moedas de cobre apenas.

(36) Disse ele a Xeníades quando este o comprou: “Vamo-nos, então, para que tu comeces a fazer o que eu te ordenar”. Quando Xeníades lhe falou: “As águas correm rio acima!”<sup>35</sup> Diógenes replicou: “Se comprasses um médico, não confiarias a tua saúde aos seus cuidados, mas, antes, dirias que as águas correm rio acima?”

Alguém desejou filosofar com Diógenes, e este lhe entregou uma grande tilápia negra do Nilo<sup>36</sup> e lhe ordenou que o seguisse. O outro, porém, envergonhado, lançou fora o peixe e foi-se embora. Depois de um tempo, reencontrando-o, Diógenes lhe disse, rindo: “Uma tilápia destruiu a nossa amizade.” Díocles escreveu sobre esse caso do seguinte modo: quando alguém disse a Diógenes “Dá-nos ordens,” Diógenes, conduzindo-o, deu-lhe para carregar meio óbulo de queijo. Quando o outro se recusou a carregar o queijo, Diógenes disse: “Por meio óbulo de queijo, nossa amizade foi destruída.”

(37) Uma vez, ao ver uma criança bebendo água com a palma das mãos, lançou fora do alforje a sua caneca, dizendo: “Uma criança me venceu em despojamento.” De modo semelhante, lançou fora também o seu prato ao ver uma criança que teve seu prato quebrado recebendo purê de lentilhas com o lado côncavo de seu pedaço de pão, .

<sup>32</sup> Demóstenes foi um grande político e orador ateniense. Viveu entre 384 e 322 AEC.

<sup>33</sup> Naquelas épocas, tabernas eram lugares mal frequentados, donde a ironia de Diógenes.

<sup>34</sup> Região de Atenas.

<sup>35</sup> Eurípedes, *Medeia*, 410.

<sup>36</sup> *Saperdés*: o peixe *korakinos*, provavelmente a grande tilápia do Nilo. *Korakinos* significa “pequeno corvo” (*korax*, em grego). O peixe era assim chamado provavelmente em razão de sua cor negra.

Raciocinava também do seguinte modo: “Todas as coisas são dos deuses; os sábios são amigos dos deuses; comuns são os bens dos amigos; logo, todas as coisas são dos sábios.”

Uma vez, segundo diz Zoilo,<sup>37</sup> o pergaio, quando Diógenes viu uma mulher prostrada diante dos deuses<sup>38</sup> de modo inconveniente, o Cão, aproximando-se dela e ansiando retirá-la da superstição na qual se via imersa, lhe disse: “Não vês, ó mulher, que, em algum momento, a divindade por-se-á de pé por trás de ti – pois (38) todas as coisas estão repletas dela– e tu estarás em situação inconveniente?”

Dedicou a Asclépio um pugilista que se lançava contra aqueles que se precipitavam sobre sua face, espancando-os.

Costumava dizer que as maldições trágicas se reuniram nele. Certamente era ele:

*Sem cidade, sem casa, privado da pátria*

*Mendicante, errante, ganhando a vida a cada dia.*<sup>39</sup>

Declarou que a confiança se opõe à fortuna; a natureza, à convenção; a razão (*logos*), à paixão.

Certa vez, quando Diógenes tomava banho de sol no Craneion,<sup>40</sup> Alexandre, o grande, colocando-se à sua frente, disse: “Pede-me o que quiseres”. E Diógenes disse: “Sai da frente do Sol.”

Certa vez, quando lia por muito tempo um livro, apontou para um espaço em branco no fim do rolo<sup>41</sup> e disse: “Coragem, homens, terra à vista!”

Ao que com ele argumentou que ele tinha chifres,<sup>42</sup> Diógenes respondeu, tocando a fronte: “Eu não os percebo.” De modo semelhante também, diante do que falava que o movimento não existe, Diógenes levantou-se e caminhou. E ao que falava sobre corpos celestes, disse: “Por quantos dias subiste aos céus?”

Quando um eunuco perverso escreveu sobre sua casa “Que nenhum mal possa entrar,” Diógenes indagou: “Então como o dono da casa entrará?”

Tendo untado os pés com perfume, disse que este se lança da cabeça ao ar, mas dos pés ao olfato.

---

<sup>37</sup> Zoilo foi um gramático e um crítico literário de Anfípolis. Viveu entre c. 400 e 320 AEC.

<sup>38</sup> I.e., diante da imagem dos Deuses.

<sup>39</sup> Fragmento de tragédia grega de autor desconhecido (Nauck, *TGF* 2, Adesp.284).

<sup>40</sup> Um ginásio e uma região nos subúrbios de Corinto onde, mais tarde, Pausânias visitou a tumba de Diógenes (*Descrição da Grécia* 2.2.4).

<sup>41</sup> Os livros, na época, eram rolos de papiro.

<sup>42</sup> O primeiro se trata do paradoxo dos chifres de Eubúlides de Mileto: “O que não perdeste ainda tens; Não perdeste teus chifres; Logo, ainda os tens.” O segundo é provavelmente um dos paradoxos contra o movimento de Zenão de Eleia.



Quando os atenienses pretenderam iniciá-lo nos mistérios, dizendo que, no Hades, os iniciados obtêm os melhores lugares, Diógenes disse: “É ridículo que Agesilau<sup>43</sup> e Epaminondas<sup>44</sup> sejam postos na lama, enquanto alguns medíocres iniciados estejam nas ilhas dos bem-aventurados.”

(40) Quando um camundongo serpenteou sobre a mesa, Diógenes disse aos presentes: “Vede! Até Diógenes alimenta parasitas.”

Quando Platão chamou-o de “Cão”, Diógenes exclamou: “Sim, pois eu retorno aos que me compraram.”

Ao que lhe indagou, quando saía do banho público, se muitos homens lá se banhavam, negou. Mas ao que lhe perguntou se havia lá numerosa multidão, assentiu.

Quando Platão definiu “humano” como “vivente bípede implume” e foi aprovado por isso, Diógenes, depenou um galo, levou-o para a escola de Platão e exclamou: “Eis o homem platônico.” E adicionou à definição “*platuônicos*.”<sup>45</sup>

Àquele que lhe indagou em que hora é preciso comer, Diógenes respondeu: “Se és rico, quando desejares; se és pobre, quando tiveres o que comer”.

(41) Vendo, entre os megáricos, os carneiros aquecidos com peles, enquanto as crianças permaneciam nuas, Diógenes disse: “Melhor é ser carneiro do que filho de megáricos.”

Ao que bateu acidentalmente nele com uma tábua e lhe disse, em seguida, “Toma cuidado,” Diógenes respondeu: “Pois estás de novo a ponto de me bater?”

Chamava os demagogos de “laciaos da multidão” e suas guirlandas de “florescimento”<sup>46</sup> da fama.

Certa vez, acendeu uma lamparina<sup>47</sup> durante o dia e disse, perambulando: “Busco por um homem.”

Uma vez, pôs-se de pé encharcado d’água. Quando os presentes se compadeceram dele, Platão, aproximando-se, disse: “Se desejais se compadecer dele, afastai-vos,” denunciando o amor de Diógenes pela fama.

Uma vez, quando alguém o esmurrou, Diógenes exclamou: “Por Hércules, por que esqueci de andar com um capacete?” (42) E ainda, quando Médio o assaltou e lhe

---

<sup>43</sup> Houve dois na Antiguidade, ambos reis espartanos.

<sup>44</sup> Grande político e general tebano. Viveu entre ca. 418 e 362 AEC.

<sup>45</sup> i.e., de grandes unhas (como uma galinha).

<sup>46</sup> *Exanthêmata* vem de *exanthéō*, verbo que pode significar tanto “florescer” quanto “cobrir-se de pústulas.”

<sup>47</sup> Em grego: *Lychnon*

disse “Tens um crédito de três mil dracmas,” no dia seguinte, após atar as correias de pugilato às mãos<sup>48</sup> e surrá-lo, Diógenes lhe falou: “Tens um crédito de três mil golpes.”

Quando Lísias, o farmacêutico, indagou se Diógenes tinha consideração pelos deuses, Diógenes exclamou: “Como não os considero se te vejo como odioso aos deuses!” Mas alguns dizem que Teodoro<sup>49</sup> falou isso. Vendo alguém se purificando, disse: “Ó infeliz, não sabes que, assim como não te livras dos erros gramaticais lavando-te, do mesmo modo não te livras, com água, dos erros de tua vida?” Censurou os homens quanto às suas imprecações, dizendo que pediam por coisas que lhes pareciam boas e não (43) pelas que são verdadeiramente boas. Aos que se atemorizavam por causa de sonhos, dizia que não prestavam atenção ao que faziam despertos, mas muito se preocupavam com o que fantasiavam dormindo.

Quando o arauto anunciou, em Olímpia, que “Dióxipo venceu homens,” Diógenes disse: “Ele, na verdade, venceu escravos, eu sim é que venci homens.”

E ainda era amado pelos atenienses. Por exemplo, quando um jovem quebrou o seu barril, aplicaram uma surra no jovem e ofereceram outro barril a Diógenes.

Dionísio,<sup>50</sup> o estoico, diz que, depois da batalha de Queroneia,<sup>51</sup> Diógenes foi levado a Felipe.<sup>52</sup> Quando este lhe indagou quem era, Diógenes respondeu: “O espião da tua ganância.” Felipe, então, sentiu admiração por ele e o liberou.

(44) Uma vez, quando Alexandre enviou uma carta a Antípatro,<sup>53</sup> que se encontrava em Atenas, por intermédio de um tal Átlion, Diógenes, estando presente, disse: “Um desgraçado, da parte de um desgraçado, por um motivo desgraçado, para um desgraçado”<sup>54</sup>.

Quando Pérđicas<sup>55</sup> ameaçou matá-lo se não fosse até ele, Diógenes disse: “Nada de mais. De fato, o escaravelho e a tarântula também agiriam assim.” Diógenes julgava preferível Pérđicas ameaçá-lo do que dizer: “Se tu, Diógenes, viveres longe de mim, eu poderei ser feliz.”

---

<sup>48</sup> *Imantes*: longas tiras de couro que os boxeadores atavam às mãos para lutar.

<sup>49</sup> Teodoro de Cirene foi um matemático grego. Viveu no século V AEC.

<sup>50</sup> Dionísio de Heracleia, o renegado. Discípulo de Zenão de Cítio, viveu entre c. 330 e c. 250 AEC e abandonou o estoicismo ao sentir uma dor terrível.

<sup>51</sup> A Batalha de Queroneia ocorreu no ano de 338 AEC entre Filipe II, rei da Macedônia e uma coligação de Atenas e Tebas.

<sup>52</sup> Filipe II da Macedônia (pai de Alexandre, o Grande) viveu entre 382 e 336 AEC.

<sup>53</sup> Antípatro foi um general e um político da Macedônia que serviu a Filipe II e Alexandre, o Grande. Viveu entre 400 e 319 AEC.

<sup>54</sup> Diógenes joga com o nome *Áthlion* e *athlios* (infeliz, desgraçado)

<sup>55</sup> Pérđicas foi um general da Macedônia que serviu a Alexandre, o Grande, assumindo o controle das tropas macedônias após a morte deste último em 323. Viveu entre 355 e 321/320 AEC.

Proclamava com frequência que uma vida fácil fora dada aos humanos pelos deuses, mas que esta se ocultava quando se buscavam bolos de mel, perfumes e coisas semelhantes. Donde falou ao homem que estava sendo calçado pelo criado: “Não és feliz por ora, porque teu servo ainda não te assoou o nariz. Mas isto acontecerá tão logo as tuas mãos se tornem impotentes.”

(45) Vendo, certa vez, guardas levando alguém que tinha roubado um vaso de um templo, exclamou: “Os grandes ladrões levam o pequeno ladrão.”

Uma vez, ao ver um jovem atirando pedras em uma cruz, observou: “Muito bem! Atingiste o teu objetivo.”<sup>56</sup>

Aos jovens que, cercando-o, disseram “Cuidemos para que o cão não nos morda,” Diógenes proferiu: “Coragem, crianças! Este cão não come alface.”<sup>57</sup>

Ao que se envaidecia por possuir uma pele de leão, Diógenes disse: “Para de desonrar as mantas da virtude!”

Ao que dizia ser Calístenes<sup>58</sup> feliz por participar de magnificências junto a Alexandre, Diógenes falou: “É indubitavelmente infeliz aquele que tanto almoça quanto janta quando pareça bom a Alexandre.”

(46) Quando tinha necessidade de recursos, não os pedia, mas dizia aos amigos que era o demandante de uma dívida.

Certa vez, masturbando-se na Ágora, disse: “Quem dera também não houvesse fome friccionando o ventre.”

Quando viu um juvenzinho longe de casa à mesa com sátrapas, arrastando-o, levou-o aos familiares e os exortou a vigiarem-no. Ao jovem afetadamente ornado que lhe perguntou algo, Diógenes disse que não falaria com ele se não mostrasse, levantando a túnica, se era mulher ou homem. Ao jovem que jogava cótabo<sup>59</sup> no banho público, Diógenes disse: “Quanto melhor fores neste jogo, pior serás.”

Em um jantar, atiraram-lhe ossinhos como a um cão. Então, Diógenes, livrando-se<sup>60</sup> como um cão, urinou sobre eles.

<sup>56</sup> Isto é, “para onde também tu irás um dia.”

<sup>57</sup> Literalmente: acelga.

<sup>58</sup> Calístenes de Olinto foi sobrinho e discípulo de Aristóteles. Historiador, partiu com Alexandre, o Grande, em suas campanhas. Acabou por ser condenado à morte por este por se recusar a se prostrar diante dele.

<sup>59</sup> O Cótabo (*kottabos*) era um jogo de habilidade em voga sobretudo nos séculos 4 e 5 a.c. Era praticado durante os banquetes e envolvia o arremesso de uma lança. Jogo com provável origem siciliana, era apreciado também na Atenas clássica. O dito de Diógenes provavelmente se refere ao fato de que o atleta envolvido em tal competição, sobretudo se bem-sucedido, tornava-se objeto de desejo de homens mais velhos.

<sup>60</sup> Referindo-se às brincadeiras próprias dos cães de correr de lá pra cá.

(47) Chamava os oradores e todos os que discursavam em busca de fama de “três vezes homens”, querendo dizer “três vezes infelizes.”<sup>61</sup>

Chamou um homem rico, mas ignorante, de “carneiro com o velocino de ouro.”<sup>62</sup>

Vendo ter sido escrito “Vende-se” sobre uma casa em estado de abandono, exclamou: “Que, sendo assim intoxicada, facilmente expila o dono.”

Ao juvenzinho que acusava a muitos de perturbá-lo, falou: “Pois para também tu de perambular se exibindo para os luxuriosos.”

Sobre um imundo banho público, observou: “Onde se banham os que aí se banham?”

Somente ele aprovava um parrudo citarista que era censurado por todos. Indagado por qual razão, respondeu: “Porque ele, sendo tão grande, toca a cítara e não se torna um ladrão.”

(48) Acolheu um citarista sempre abandonado pelos ouvintes dizendo: “Salve, ó galó!” Quando lhe indagaram por qual razão, falou: “Quando canta, a todos desperta.”

Enquanto um juvenzinho declamava, engolia diante dele tremoços com os quais enchera a parte da frente da túnica. Quando viu que atraía a atenção de muitos, indagou por que olhavam para ele e deixavam de lado o juvenzinho.

Quando alguém profundamente supersticioso disse: “Com um soco quebrarei a tua cabeça,” Diógenes falou: “E eu te farei tremer espirrando pela esquerda.”<sup>63</sup>

Certa vez, Hegésias foi atrás dele pedindo por algum de seus escritos. E Diógenes observou: “És um tolo, Hegésias, não queres os figos pintados, mas os verdadeiros. Porém, desprezas a prática verdadeira e buscas por coisas escritas.”

(49) Ao que o repreendeu por ter sido exilado, replicou: “Justamente por isso, infeliz, comecei a filosofar!” Noutra vez, a alguém que lhe disse: “Foste condenado ao exílio pelo povo de Sinope”, respondeu: “E eu os condenei a lá permanecerem.”

Certa vez, tendo visto um campeão olímpico pastoreando carneiros, exclamou: “Ó, melhor dos homens, mudaste de Olímpia para Nemeia?”<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> Diógenes faz um jogo de palavras: *trisanthropous* (três vezes homens) e *trisathlios* (três vezes desgraçados)

<sup>62</sup> Ou velo de ouro: a lã de ouro do carneiro alado Crisómalo roubada por Jasão com a ajuda de Medeia.

<sup>63</sup> O que, para os antigos, significava maus presságios.

<sup>64</sup> Terra de pastores.

Indagado por qual razão os atletas eram burros, disse: “Porque são feitos de porcos e bois.”<sup>65</sup>

Certa vez, foi visto pedindo esmolas a uma estátua. Indagado por qual razão fazia isso, respondeu: “Pratico fracassar.”

Pedindo esmolas a alguém – pois começou a fazer isso por sua pobreza –, observou: “Se deste a outro, dá também a mim. Caso contrário, começa por mim.”

(50) Quando, certa vez, um tirano lhe indagou qual tipo de bronze seria o melhor para uma estátua, Diógenes replicou: “O que forjou Harmódio e Aristogito.”<sup>66</sup>

Indagado como Dioniso, o tirano, tratava os seus amigos, disse: “Como sacos, segurando os que estão cheios e lançando fora os vazios.”

Quando um recém-casado escreveu sobre a casa: “Hércules triunfante, filho de Zeus, aqui vive, que nenhum mal entre,” Diógenes escreveu acima: “Depois da guerra, a aliança.”

Dizia ser a avareza a metrópole de todos os males.

Contemplando um perdulário comendo azeitonas na taverna, observou: “Se almoças desse modo, não poderás jantar.”

(51) Afirmava serem os homens bons imagens dos deuses.

Dizia ser o amor (Eros) a ocupação dos desocupados.<sup>67</sup>

Indagado o que era a miséria em vida, replicou: “Um velho na pobreza.”

Indagado qual das feras tem a pior mordida, disse: “Dentre as agrestes, o caluniador. Dentre as domesticadas, o adulator.”

Certa vez, tendo visto dois centauros muito mal pintados, indagou: “Qual dos dois é o Pior?”<sup>68</sup>

Dizia ser o discurso amoroso um melífluo enforcamento.

Dizia ser o estômago a Caribde<sup>69</sup> da vida.

Certa vez, ao saber que Dídimos, o flautista, fora preso por adultério, falou: “Merece ser enforcado pelo nome.”<sup>70</sup>

---

<sup>65</sup> Diógenes se refere ao fato de comerem esses animais e serem, por consequência, literalmente constituídos por eles.

<sup>66</sup> Atenienses conhecidos como tiranicidas que se tornaram célebres por terem assassinado Hiparco, filho de Pisístrato, que impôs a tirania a Atenas, governando-a entre 546 e 527 AEC.

<sup>67</sup> Diógenes faz um jogo de palavras em grego que tentamos reproduzir: *scholazonton ascholian*.

<sup>68</sup> Diógenes faz um jogo de palavras com *Cheiron*, que significa tanto “pior” quanto um dos centauros, Quíron.

<sup>69</sup> Um vórtice marinho que havia nas costas da Sicília. Ver Homero, *Odisseia* 12.104.

<sup>70</sup> O nome “Dídimo” significa também “testículos”.

Indagado por qual razão o ouro é amarelo, respondeu: “Porque há muitos ladrões tramando contra ele.”

Certa vez, tendo visto um fugitivo sentado sobre um muro, exclamou: “Jovenzinho, cuidado para não cair.”

Ao ver um jovenzinho roubando túnicas nos banhos públicos, lhe indagou: “Roubas por um pouquinho de unguento ou por uma outra túnica?”<sup>71</sup>

Certa vez, ao ver mulheres enforcadas em oliveiras, disse: “Que toda árvore (52) dê frutos tais!”

Tendo visto um trombadinha dissimulado, lhe falou: “Então o que tu fazes aqui, melhor dos homens? *Despirás os cadáveres dos mortos?*”<sup>72</sup>

Sendo indagado se possuía uma menininha ou um jovenzinho, respondeu: “Não.”

Quando alguém lhe perguntou: “Quando morreres, quem te carregará para fora de sua casa?”, Diógenes replicou: “Quem quiser ocupá-la.”

(53) Tendo visto um jovenzinho de belas formas dormindo desprotegido, fustigando-o, exclamou: “Acorda, que alguém não te crave uma lança nas tuas costas dorminhocas.”

Ao que comprava iguarias caras, disse: “No meu entender, morrerás cedo em razão do que compras.”

Quando Platão dialogava acerca das *Ideias* e dos nomes *mesicidade* e *copicidade*, Diógenes disse: “Eu, ó Platão, vejo a mesa e o copo, mas não vejo em parte alguma a *mesicidade* e a *copicidade*.” E Platão respondeu: “E com razão! De fato, tens olhos com os quais vês o copo e a mesa, mas certamente não tens os olhos para ver a *mesicidade* e a *copicidade*.”

(54) Quando perguntaram a Platão “Com quem Diógenes se parece”, o filósofo respondeu: “Um Sócrates enlouquecido.”

Indagado em qual momento é preciso casar, Diógenes replicou: “Os jovens, ainda não. Os mais velhos, não mais.”

Indagado de que maneira gostaria de tomar um soco, disse: “De capacete.”

---

<sup>71</sup> Diógenes faz um jogo de palavras entre “um pouquinho de unguento” (*aleimnation*) e “outra túnica” (*alli'imation*)

<sup>72</sup> Homero, *Ilíada*, 343, 387.

Quando viu um jovenzinho todo adornado, exclamou: “Se te adornaste para os homens, és infeliz. Mas se, para as mulheres, és injusto.”

Quando viu um jovenzinho enrubescer, observou: “Coragem! Essa é a cor da virtude.”

Certa vez, após ouvir dois doutores da lei, aos dois condenou, dizendo um ter roubado e outro nada perdido.

Sendo indagado qual vinho se deve beber, Diógenes falou: “O de outrem.”

Àquele que disse “Muitos riem de ti,” Diógenes respondeu: “Mas não eu.”

(55) Ao que dizia ser ruim viver, disse: “Não viver, mas viver de modo ruim.”

Aos que o aconselharam a buscar seu servo fugitivo, ele observou: “É ridículo que Manes possa viver sem Diógenes, mas Diógenes não possa viver sem Manes.”

Quando colocaram um pão entre as azeitonas do seu almoço, ele, jogando-o fora, exclamou:

*Ó estrangeiro, sai do caminho dos tiranos*<sup>73</sup>

Noutra vez, disse:

*Fustigou a oliveira.*<sup>74</sup>

Sendo indagado de que cidade era enquanto cão, disse: “Quando estou faminto, sou um cão maltês, mas, uma vez alimentado, sou um molosso,<sup>75</sup> destes que os muitos elogiam, mas não suportam, pelo esforço que se requer, se juntar a eles numa caçada. Do mesmo modo, tu não podes conviver comigo em razão de teu medo dos sofrimentos.”

(56) Indagado se os sábios comem pão, replicou: “Comem todos os tipos de pães, do mesmo modo que os demais humanos.”

Indagado por que se dá dinheiro aos mendigos, mas não aos filósofos, respondeu: “Porque todos temem se tornar aleijados ou cegos, mas ninguém teme se tornar filósofo.”

Certa vez, pediu esmola a um avaro e, quando este demorou a responder, falou: “Homem, peço-te comida (*trophe*), não um túmulo (*taphe*).”

Certa vez, sendo censurado por ter adulterado a moeda, observou: “Naquele tempo, eu era tal qual és agora. Mas tal qual sou agora, tu não serás jamais.” E a outro

---

<sup>73</sup> Eurípedes, *Fenícias*, 40.

<sup>74</sup> Homero, *Iliada* v. 366, viii. 45, com pequena modificação.

<sup>75</sup> Os cães molossos eram famosos na Antiguidade por seu tamanho e sua ferocidade.

que o criticou pelo mesmo motivo, replicou: “De fato, eu costumava fazer xixi na cama, mas, agora, não mais.”

(57) Tendo chegado a Mundus<sup>76</sup> e vendo que grandes eram os portões, mas pequena a cidade, exclamou: “Homens de Mundus, fechai os portões, que vossa cidade não escape!”

Certa vez, ao ver um ladrão de púrpura sendo pego, disse: “*Pegaram-no a purpúrea morte e a Moira.*”<sup>77</sup>

Quando Crátero<sup>78</sup> julgou ser importante procurar Diógenes, este refletiu: “Prefiro lambar sal em Atenas do que me servir da mesa opulenta de Crátero.”

Quando se encontrou com o obeso orador Anaxímenes,<sup>79</sup> exclamou: “Dá também a nós, os pedintes, algo do teu estômago, pois, assim, aliaviarás a ti mesmo e nos auxiliará.”

Certa vez, enquanto Anaxímenes discursava, distraiu os ouvintes exibindo um peixe salgado. Quando Anaxímenes ficou encabulado, Diógenes falou: “Um peixe de um óbolo encerrou o discurso de Anaxímenes.”

(58) Certa vez, quando foi censurado por comer na Ágora,<sup>80</sup> disse: “Pois também na Ágora sentimos fome.”

Alguns dizem que também os seguintes ditos são dele, que Platão, quando o viu lavando legumes, se acercou e lhe disse ao pé do ouvido: “Se servisses a Dioniso, não lavarias alfaces;” ao que Diógenes, igualmente ao pé do ouvido, lhe respondeu: “E tu também, se lavasses alfaces, não servirias a Dioniso.” Àquele que disse, “Os muitos riem de ti,” Diógenes respondeu: “E também os asnos riem deles. Mas, assim como eles não dão atenção aos asnos, eu não dou atenção a eles.” Certa vez, ao ver um jovenzinho filosofar, falou: “Muito bem, que tu distraias os amantes do corpo para a beleza da alm.”

(59) Quando alguém admirou as oferendas votivas na Samotrácia,<sup>81</sup> Diógenes observou: “Se também os que não se curaram deixassem oferendas, haveria muitas mais.” Outros dizem que esse dito é de Diágoras de Melos.<sup>82</sup>

---

<sup>76</sup> Antiga cidade hoje localizada nas costas da Somalilândia.

<sup>77</sup> Homero, *Iliada*, v. 83.

<sup>78</sup> Crátero foi um dos generais de Alexandre, o Grande. Viveu entre ca. 370 e 321 AEC.

<sup>79</sup> Anaxímenes de Lâmpsaco foi retor e historiador. Viveu entre c. 380 e 320 AEC.

<sup>80</sup> A Ágora era o centro político de Atenas. Era proibido comer ali.

<sup>81</sup> Ilha na qual se encontravam templos pan-helênicos.

<sup>82</sup> Diágora de Melos, o Ateu, foi um poeta e um sofista. Viveu no século IV AEC.



Ao juvenzinho de belas formas que estava indo cear em um banquete, disse: “Voltarás pior.” Quando o garoto retornou no outro dia e disse: “Fui e não me tornei pior,” Diógenes respondeu: “Não voltou pior, mas mais afrouxado.”

Quando pediu dinheiro a um homem de difícil trato, e este lhe disse “Dar-te-ei se me persuadires disso,” Diógenes retrucou: “Se eu pudesse te persuadir de algo, te persuadiria a te enforcares.”

Certa vez, quando retornava de Esparta para Atenas, ao que lhe indagou “De onde vens e para onde vais?”, Diógenes disse: “Da ala dos homens para a ala das mulheres.”

(60) Certa vez, quando voltava de Olímpia, ao que lhe indagou se havia grande multidão lá, ele respondeu: “Grande era a multidão, mas poucos os humanos.”

Disse que os perdulários são semelhantes às figueiras que crescem sobre despenhadeiros, cujos frutos os humanos não provam, mas os comem somente os corvos e os urubus.

Quando Frine<sup>83</sup> ordenou que se erigisse uma Afrodite dourada em Delfos, Diógenes escreveu nela esta epígrafe: “Da *akrasia*<sup>84</sup> dos helenos.”

Certa vez, quando Alexandre se aproximou dele e exclamou “Eu sou Alexandre, o grande rei”, Diógenes respondeu: “E eu sou Diógenes, o Cão.”

Ao ser indagado o que fizera para ser chamado de “Cão,” ele respondeu: “Faço festa aos que me dão algo, lato aos que não me dão nada, mordo os maus.”

(61) Certa vez, quando Diógenes colhia frutos de uma figueira, e um guarda lhe disse “Ontem, neste mesmo lugar, um homem foi enforcado,” Diógenes respondeu: “Pois eu estou purificando a árvore.”

Quando viu um campeão olímpico olhando fixa e intensamente para uma hetaira, disse: “Vê, o carneiro beligerante foi arrebatado pela mocinha que se apresentou.” Dizia serem as belas hetairas semelhantes à fatal libação de leite e mel.<sup>85</sup>

Enquanto almoçava na Ágora, os circundantes em unísono exclamaram “Cão!” E Diógenes replicou:, “Vós que sois os cães, porque me circundam vendo-me comer.”

Quando dois covardes se esconderam dele, Diógenes disse: “Não vos preocupeis, o Cão não come beterraba.”

---

<sup>83</sup> Mnesarete, chamada de Friné (ou Frineia) por sua tez amarelada, foi uma das mulheres mais ricas da Grécia e possuía uma beleza ímpar. Serviu de modelo para a Afrodite de Knidos, esculpida por Praxíteles.

<sup>84</sup> *Akrasia* significa em grego, entre outras coisas, incontinência.

<sup>85</sup> *Melikration*: libação que era oferecida às divindades do Hades.

(62) Quando foi indagado sobre uma criança que se prostituía, Diógenes disse: “Tegeia”.

Vendo um boxeador sem talento praticando a medicina, disse: “Por qual razão te voltaste para a medicina? Para derrubares agora os que antes te venceram?”

Vendo o filho de uma hetaira atirando pedras em uma multidão, exclamou: “Cuidado, que tu não atinjas o teu pai.”

Quando um jovenzinho lhe mostrou uma espada dada pelo amante, Diógenes observou: “A espada é bela, mas o cabo é feio.”

Quando alguns elogiaram um homem que lhe dera dinheiro, Diógenes disse: “Mas não me elogiam por eu ser valoroso por ter-lhe tomado a quantia.”

Quando lhe pediram de volta o manto que alguém lhe passara, observou: “Se me foi dado, agora eu o possuo. Mas se me foi somente emprestado, ainda o estou usando.”

Quando alguém lhe disse que tinha ouro em sua túnica, Diógenes refletiu: “Sim, por isso dormes com ele sob o colchão.”

(63) Quando lhe indagaram por qual razão estudava filosofia, Diógenes respondeu: “Se não por outra coisa, certamente para estar preparado para tudo o que ocorrer.”

Tendo sido indagado de onde era, falou: “Cosmopolita.”

Quando certos pais ofereceram um sacrifício aos deuses para o nascimento do seu filho, Diógenes observou: “E não ofereceis também um sacrifício quanto ao tipo de humano que ele virá a ser?”

Certa vez, sendo convidado para contribuir para uma associação, Diógenes disse ao organizador: *Toma tudo como despojos, mas tira as mãos de Heitor.*<sup>86</sup>

Disse que as hetairas dos reis eram rainhas por exigirem o que se espera destas.

Quando os atenienses concederam a Alexandre o título de Dionísio, Diógenes disse: “E a mim vós fazeis Serápis.”<sup>87</sup>

Ao que o reprovou por ir a lugares impuros, respondeu: “Também o Sol vai aos esgotos e não fica maculado.”

(64) Quando jantava em um templo e pães sujos foram servidos à mesa, erguendo-os, jogou-os fora, dizendo ser preciso que nada impuro entrasse em um templo.

---

<sup>86</sup> Verso de autor desconhecido.

<sup>87</sup> Serápis, deus sincrético helenístico-egípcio, era representado, como Plutão, com Cérbero ao seu lado. Cérbero é um animal fantástico de três cabeças: uma de cão, uma de leão e outra de lobo.

Ao que lhe falou, “Nada sabes e filosofas,” replicou: “Ainda que eu apenas busque a sabedoria, isso também é filosofar.”

Ao que veio a ele trazendo consigo o filho, lhe dizendo ser o garoto de boa natureza e de excelente caráter, Diógenes observou: “Então para que ele precisa de mim?”

Aos que dizem coisas nobres, mas não as praticam, afirmava não diferirem das cítaras: pois estas nem ouvem nem entendem os próprios sons que emitem.

Certa vez, entrou em um teatro encarando a todos os que dele saíam. Ao ser indagado por qual razão agia assim, respondeu: “Tenho praticado fazer isso por toda a minha vida.”

(65) Certa vez, ao ver um juvenzinho efeminado, disse: “Não tens vergonha de querer para ti algo pior do que a Natureza te desejou? Com efeito, ela te fez homem, mas tu te forças a ser mulher.”

Tendo visto um insensato tocando um saltério,<sup>88</sup> observou: “Não tens vergonha de harmonizar os sons em um pedaço de madeira, mas não harmonizar a tua alma à tua vida?”

Ao que disse “Sou inepto para a Filosofia,” respondeu: “Então por que vives se não te preocupas em viver belamente?”

Ao que desprezou o próprio pai, falou: “Não tens vergonha por desprezar aquele por causa do qual tanto te orgulhas?”

Ao ver um juvenzinho gracioso falando de forma não graciosa, disse: “Não te envergonhas por desembainhar uma espada de aço de uma bainha de marfim?”

(66) Ao ser censurado por beber em uma taberna, observou: “E também corto meu cabelo no barbeiro.”

Ao ser censurado por ter recebido um manto de Antípatro, respondeu: “*Os presentes dos deuses nunca devem ser rejeitados.*”<sup>89</sup>

Ao que lhe atirou um pedaço de madeira dizendo “Cuidado,” golpeou com um báculo igualmente dizendo “Cuidado.”

Ao que abraçava uma hetaira, disse: “Que queres que ocorra, ó infeliz? Não é melhor perdê-la?”

Ao que estava coberto por um unguento perfumado, falou: “Cuida para que a doce fragrância da tua cabeça não torne fedorenta a tua vida.”

---

<sup>88</sup> Instrumento musical que consiste de uma espécie de harpa com caixa.

<sup>89</sup> Homero, *Iliada*, III 65.

Os maus servem aos seus desejos como escravos domésticos aos seus senhores.

(67) Tendo sido indagado por que os *andrapoda*<sup>90</sup> são assim chamado, disse: “Porque têm os pés dos homens, mas almas tais quais à tua, que agora me observas.”

Certa vez, pediu uma mina<sup>91</sup> a um perdulário. Quando este lhe perguntou por que pedia um óbulo aos outros, mas a ele uma mina, Diógenes disse: “Porque espero receber novamente dos outros, mas se receberei novamente de ti, jaz nas mãos dos deuses.”<sup>92</sup>

Quando foi censurado por pedir esmolas enquanto Platão não as pedia, falou: “Também ele pede, mas ele *põe a cabeça bem perto, para que os outros não questionem.*”<sup>93</sup>

Tendo visto um arqueiro sem talento, sentou-se ao lado do alvo e disse que assim agia para não ser alvejado.

(68) Tendo sido indagado se a morte é um mal, respondeu: “Como pode ser um mal se não a percebemos quando ela está presente?”

Quando Alexandre se colocou diante dele e disse “Não me temes?”, Diógenes indagou: “És bom ou mau?” Quando Alexandre respondeu “Bom”, Diógenes concluiu: “Então por que temer o que é bom?”

Disse ser a educação prudência para os jovens, consolação para os idosos, riqueza para os pobres e ornamento para os ricos.

A Dídimos, o adúltero, que tratava certa vez o olho de uma moça, disse: “Cuida para que o terapeuta do olho não destrua a *pupila.*”<sup>94</sup>

Quando alguém disse que seus amigos tramavam contra ele, Diógenes exclamou: “E o que se deve fazer se for preciso tratar os amigos e os inimigos de modo semelhante? ”

(69) Tendo sido indagado o que havia de melhor entre os humanos, Diógenes afirmou: a *Parrhesia*.<sup>95</sup>

---

<sup>90</sup> O termo grego *andrapodon* se refere, primariamente, ao prisioneiro de guerra que chega à cidade com os pés acorrentados.

<sup>91</sup> Uma mina equivalia a 100 dracmas. Uma dracma equivalia a seis óbulos.

<sup>92</sup> Em grego, literalmente ‘jaz nos joelhos dos deuses.’

<sup>93</sup> Homero, *Odisseia*, I 157, IV 70. Diógenes parece se referir ao modo como os ricos obtêm dinheiro dos governos na calada e sem que ninguém perceba.

<sup>94</sup> Pupila traduz ai *koré*, que significa tanto “pupila do olho” quanto “moça”.

<sup>95</sup> A palavra grega *parrhesia* combina o prefixo *pan* (que significa “tudo”) e *rhema* (que significa “verbo”), pelo que podemos traduzir literalmente por “ato de verbalizar tudo” ou “franqueza ao falar”. Era originalmente uma prerrogativa usada no âmbito das questões políticas e morais, que garantia a quem a obtivesse salvo conduto para falar acerca de questões prementes da comunidade em que vivia. Posteriormente passou a indicar a qualidade de um filósofo que fala sobre temas tais com autoridade e sinceridade.

Quando foi a um professor e viu, em sua sala de aula, muitas estátuas de Musas, mas poucos alunos, disse: “Graças aos Deuses, professor, tu tens muitos alunos.”

Costumava tudo fazer em público, tanto as coisas de Deméter quanto as de Afrodite.

E propunha os seguintes raciocínios: “Se comer não é absurdo,<sup>96</sup> não é absurdo comer na Ágora: mas comer não é absurdo; logo, não é absurdo comer na Ágora.” Frequentemente se masturbava em público, e dizia: “Ah! Quisera cessasse a fome da minha barriga esfregando-a.”

Foram transmitidos também outros ditos atribuídos a ele.

(70) Dizia haver duas práticas: uma mental e outra física, sendo a primeira aquela segundo a qual advêm variadas representações que fornecem facilidade de movimento com relação às ações virtuosas. Dizia ser incompleta uma prática separada da outra, sendo a saúde e a força igualmente essenciais para a alma e para o corpo.

Apresentava provas de quão facilmente alguém se edifica em virtude pelo exercício: pois se vê, tanto nas artes manuais quanto nas demais, que os artesãos, pela prática, desenvolvem uma incomum habilidade manual. Pois se vê o quanto os flautistas e os atletas se superam pelo esforço contínuo, e que, se aplicassem tal prática também à alma, não laborariam de modo inútil e sem sentido.

(71) Dizia que absolutamente nada na vida pode ser bem-sucedido separadamente da prática, pois esta é capaz de a tudo vencer, sendo preciso, então, em vez de inúteis labores, escolher viver de modo feliz segundo a natureza. Mas os humanos são infelizes por sua tolice. Com efeito, o desprezo pelo próprio prazer é mais prazeroso que o prazer, sendo adquirido por hábito. E, do mesmo modo que os habituados a buscar o prazer acham desagradável passar para o contrário, assim também os que praticaram o contrário acham-no mais prazeroso que os próprios prazeres. Tais coisas dizia e praticava, verdadeiramente adulterando a moeda, não concedendo ao que é segundo o costume o que concedia ao que é segundo a natureza, dizendo que o caráter da vida que levava era tal qual a de Hércules, não preterindo a liberdade por nada.

(72) Dizia serem todas as coisas dos sábios com argumentos como o anteriormente dito acima: “Todas as coisas são dos deuses; os deuses são amigos dos sábios; os amigos têm as coisas em comum; logo, todas as coisas são dos sábios.”

---

<sup>96</sup> *Atopos*.

De novo, acerca da lei, disse não ser possível haver cidade sem a lei; pois o civilizado é inútil sem a cidade; logo, a cidade é o civilizado; mas não há utilidade para a lei sem a cidade; então, o civilizado é a lei.

Zombava da origem nobre, da fama e de todas as coisas do tipo, dizendo serem ornamentos malignos. Afirmava haver uma única cidade reta: a que existia no Cosmos.

Dizia também ser preciso ter as mulheres em comum, definindo o casamento tão somente como o fato de um homem ter persuadido uma mulher a ter relações sexuais com ele. Por essa razão também é preciso ter os filhos em comum.

(73) Dizia não ser absurdo tomar algo de um templo ou comer qualquer animal que seja, nem ser profano se alimentar de carne humana, como é evidente a partir dos costumes de outros povos. Afirmava também que, segunda a reta razão, tudo estava em tudo e através de tudo. Com efeito, há carne no pão. E pão nos vegetais. E da mesma forma nos demais corpos: através de poros e partículas imperceptíveis que se separam e se unem em forma vaporosa, como ele põe em evidência no *Tiestes*, se as tragédias forem dele e não de Filisco de Égina (aquele bem conhecido)<sup>97</sup> ou Pasifontes,<sup>98</sup> filho de Luciano, que, conforme diz Favorino em sua *Miscelânea histórica*,<sup>99</sup> as teria escrito após a morte de Diógenes.

Diógenes afirmava negligenciar a geometria, a astrologia e as ciências deste jaez, por serem inúteis e desnecessárias.

(74) Foi bem-sucedido em réplicas a argumentos, como é evidente a partir das coisas ditas anteriormente.

E se portou de forma muito nobre ao ser vendido: pois, navegando para Égina, foi capturado por piratas comandados por Esquírpalo,<sup>100</sup> sendo levado para ser vendido em Creta e, quando o leiloeiro lhe indagou o que sabia fazer, disse: “Comandar humanos.” Então, apontando para um coríntio que usava uma túnica púrpura de nome Xeníades, exclamou: “Vende-me para este homem: ele precisa de um senhor.” Este mesmo Xeníades o comprou e o levou para Corinto, colocando seus próprios filhos sob a sua guarda e sua casa sob o seu comando. E Diógenes a administrou de tal modo em todos os aspectos que Xeníades dizia a todos por onde fosse: “Um bom *daimon* entrou em minha casa!”

---

<sup>97</sup> Filósofo cínico na segunda metade do século IV AEC.

<sup>98</sup> Talvez Pasifontes de Eritreia, autor de diálogos socráticos espúrios.

<sup>99</sup> *FHG* III. 582 ss.

<sup>100</sup> Famoso pirata da época. Cícero se refere a ele como “Harpálo” (Cic. *N.D.* iii. 34. 83).

(75) Cleomenes afirma, na já mencionada obra *Pedagogo*, que os conhecidos queriam libertá-lo, mas que Diógenes os chamou de ingênuos, pois os leões não são escravos dos que os alimentam, mas sim os que os alimentam são escravos dos leões. Pois é do escravo sentir medo, e os animais selvagens são temidos pelos humanos.

Certa maravilhosa capacidade de persuasão pairava ao redor do homem, de modo que facilmente vencida quem quer fosse nos argumentos.

Diz-se que um certo Onesicrito de Égina<sup>101</sup> enviou a Atenas um de seus dois filhos, Andróstenes, o qual ali se fixou, permanecendo ligado a Diógenes como aluno. Depois deste, também enviou seu filho mais velho, o já mencionado Filisco. De modo semelhante também (76) Filisco permaneceu em Atenas. Quando, por fim, chegou o pai, passou igualmente a filosofar como os filhos. Tal era o charme presente nos argumentos de Diógenes. Ouviram-no também Fócio, cujo epíteto era “o bom,” e Estilpo, o megárico,<sup>102</sup> além de muitos políticos.

Diz-se ter morrido por volta dos noventa anos. Diferentes versões há sobre a sua morte. Alguns afirmam que Diógenes contraiu cólera ao comer um polvo cru e assim findou os seus dias. Outros, que morreu prendendo a respiração, donde Cércidas<sup>103</sup> de Megalópolis (ou de Creta) escreve, em meliambos, assim:

*Não só o dantes sinopeu,  
que carregava um cajado,  
um manto duplo,  
vivia a céu aberto,  
mas também cobriu  
os lábios, onde os dentes se movem,  
(77) e a respiração conteve:  
pois verdadeiramente era filho de Zeus e cão celestial*

Outros ainda dizem que, desejando compartilhar um polvo com cães, foi mordido no tendão do pé, e assim terminou seus dias. Seus conhecidos, entretanto, segundo nos diz Antístenes nas *Diadoxais*,<sup>104</sup> conjecturaram que teria prendido a

<sup>101</sup> Historiador grego e filósofo cínico que acompanhou a expedição de Alexandre, o Grande, à Ásia, compondo uma história da campanha. Viveu no século IV AEC.

<sup>102</sup> Estilpo de Mégara foi um filósofo da Escola Megárica, contemporâneo de Teofrasto e Diodoro Crono. Viveu entre c. 360 e c. 280 AEC.

<sup>103</sup> Cércidas de Megalópolis foi poeta, filósofo e legislador de Megalópolis. Viveu no século III AEC.

<sup>104</sup> FGh 508 F 7. Este Antístenes, claro, não é o filósofo amigo de Sócrates.

respiração. Pois se encontrava no Craneion, o ginásio diante de Corinto. Segundo o costume, os conhecidos chegaram e o viram envolvido em seu manto, mas não pensaram que estivesse dormindo, pois Diógenes não era sonolento e dorminhoco. Quando levantaram-lhe o manto, perceberam que ele havia expirado e supuseram que ele fizera isso desejando retirar-se da vida. (78) Ocorreu, então, dizem, uma discórdia entre os conhecidos para decidir quais deles o honrariam com rituais fúnebres, e chegaram a trocar socos. Acorrendo seus pais e seus superiores, honraram o homem com ritos fúnebres ao lado dos portões que levam ao istmo. Erigiram-lhe uma coluna e, sobre ela, a estátua de um cão feita de mármore de Paros.<sup>105</sup> Depois também os cidadãos o honraram com imagens de bronze e escreveram sobre elas assim:

*Também o bronze envelhece com o tempo,  
Mas a tua glória, Diógenes, nem toda a eternidade destruirá.  
Pois somente tu mostraste aos mortais a doutrina da autossuficiência  
E o meio mais fácil de viver.<sup>106</sup>*

(79) É de minha autoria este verso proceleusmático:

*Diógenes, diz-me que destino te levou ao Hades?  
Levou-me o feroz dente de um cão.<sup>107</sup>*

Outros dizem ainda que ele, ao encerrar seus dias, ordenou ser lançado insepulto para que os animais selvagens se servissem de sua carne, ou que colocassem em suas mãos um cajado e que lhe jogassem um pouco de terra por cima. Outros dizem que ele ordenara que lhe lançassem ao Ilisso, para que se tornasse útil aos irmãos. Demétrio,<sup>108</sup> na obra *Homônimos*, diz que, no mesmo dia em que Alexandre terminou seus dias na Babilônia, Diógenes terminou os seus em Corinto, já velho, na 113a Olimpíada.<sup>109</sup>

(80) Estes são os livros atribuídos a ele:

---

<sup>105</sup> “O mármore de Paros é um mármore branco puro, semitranslúcida, de granulação fina e totalmente impecável, extraído durante a era clássica na ilha grega de Paros, no Mar Egeu.” Ver: [https://en.wikipedia.org/wiki/Parian\\_marble](https://en.wikipedia.org/wiki/Parian_marble)

<sup>106</sup> Antífilo de Bizâncio (poeta do século 1), *Antologia Palatina*, XVI, 334.

<sup>107</sup> *Antologia Palatina* VII, 116.

<sup>108</sup> Demétrio de Magnésia, contemporâneo de Cícero, viveu no século I AEC.

<sup>109</sup> Que ocorreu entre 324 e 321 AEC.



Diálogos: *Cefálion*, *Ictías*<sup>110</sup>, *Koloios*,<sup>111</sup> *Pordálo*,<sup>112</sup> *O povo ateniense*, *A República*, *Arte ética*, *Da riqueza*, *Do amor*, *Teodoro*, *Hípsias*, *Aristarco*, *Sobre a Morte*.

*Cartas*.

Sete tragédias: *Helena*, *Tiestes*, *Héacles*, *Aquiles*, *Medeia*, *Crisipo*, *Édipo*.

Sosícrates,<sup>113</sup> no primeiro livro de suas *Sucessões*, e Sátiro,<sup>114</sup> no quarto livro de *Vidas*,<sup>115</sup> dizem que Diógenes nada escreveu. E Sátiro afirma que as tragédias são, na verdade, de Filisco de Égina, um conhecido de Diógenes. Sótion, em seu sétimo livro, diz serem de Diógenes somente estes: *Sobre a virtude*, *Sobre o bem*, *Sobre o amor*, *O mendigo*, *Tolmaios*, *Pordálo*, *Cassandro*, *Cefálion*, *Filisco*, *Aristarco*, *Sísifo*, *Ganimedes*, *Anedotas*, *Cartas*.

## Diógenes Laércio, VI: A Vida de Hipárquia

Tradução: Cristóvão Santos Júnior

[6.96.1] A irmã de Metrocles, Hipárquia, também foi capturada por essas doutrinas. Ambos eram da Maroneia. E ela se apaixonou tanto pela doutrina como pela vida de Crates, não notando nenhum de seus pretendentes, nem sua riqueza, nem sua nobreza, [6.96.5] nem sua beleza: mas Crates lhe era tudo.

Além disso, ela ameaçava seus pais de que se mataria, caso ela não fosse concedida em matrimônio. Então, Crates foi chamado pelos pais de Hipárquia para ajudá-los a desestimular a filha, e ele fez de tudo.

Por fim, não a persuadindo, Crates levantou e retirou sua roupa na frente de Hipárquia e lhe disse “este é o teu noivo e [6.96.10] esta é a tua propriedade, decide logo sobre essas coisas, pois não serás minha esposa se tu também não te tiveres adequado a essa minha forma de vida”.

---

<sup>110</sup> Ictías foi um filósofo megárico do século IV AEC. Sucedeu a Euclides de Mégara na direção da escola.

<sup>111</sup> Que, em grego, significa “Gralha.”

<sup>112</sup> Que, em grego, significa “Peidador.”

<sup>113</sup> Sosícrates de Rodas floresceu por volta de 180 AEC.

<sup>114</sup> Sátiro de Calate foi filósofo peripatético e historiador. Viveu no século III AEC.

<sup>115</sup> FHG III. 164.

[6.97.1] A donzela fez sua opção e, tendo assumido a mesma aparência, andou com seu homem, tanto o acompanhando em público como estando junto em refeições.

Quando ela foi a um banquete na casa de Lisímaco, lá contestou Teodoro, denominado o Ateu, tendo apresentado como objeção o seguinte sofisma: [6.97.5] “o que Teodoro faz que não seja considerado injusto, Hipárquia também o faz sem que seja considerado injusto. Ademais, Teodoro não é injusto ao se bater. Portanto, Hipárquia não é injusta ao bater em Teodoro”.

Diante disso, Teodoro em nada se opôs refutando, mas despiu o manto de Hipárquia. Contudo, [6.98.1] Hipárquia nem se assustou nem ficou transtornada como uma mulher. Mas ele também teria lhe dito: “ela é quem abandonou as lançadeiras ao lado das vigas do tear?” “Fui eu, Teodoro”, ela disse. “Mas, conforme seu pensamento, julgo não ter deliberado mal [6.98.5] se eu preferi dedicar todo esse tempo à cultura em vez de consumi-lo junto às vigas do tear”.

Isso e inúmeras outras coisas são ditas dessa filósofa. E existe um livro intitulado *Epístolas*, que é atribuído a Crates, no qual se examina filosofia com excelência, cuja elocução é parecida com a de Platão.

Ele também escreveu [6.98.10] tragédias contendo elevadíssimo cunho filosófico, tal como neste fragmento: “minha pátria não é uma torre nem um telhado, mas, em qualquer lugar da terra, o local onde nos seja viável morar será tanto a minha cidade quanto a minha casa. [6.98.15] Ademais, ele morreu velho e foi enterrado na Beócia.